

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei**  
24, 25 e 26 de setembro de 2014  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**Pagando visitas: trocas materiais e simbólicas em localidades  
nos Rios Tapajós e Arapiuns, Santarém/ PA**

Thais Helena Medeiros<sup>1</sup>  
Lígia Augusta Amazonas Camargo Avishar<sup>2</sup>

**Resumo**

As reflexões que ora traçamos aqui, rondam em torno do uso e escolha das *promoções e festas grandes* dos torneios de times de futebol, praticados em localidades situadas na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós Arapiuns, como espaço sociocultural de onde submergem as relações de troca, o consumo de bens e coisas, principalmente, do mundo global. São entendidos como espaços das práticas e processos cambiantes, híbridos, nas *regiões de rios* de Santarém; da invisibilidade entre rural e urbano e suas bruscas, múltiplas e diversas conformações. Contexto das análises das trocas materiais e simbólicas, ao trazer a tona o *pagar visita* como uma das dimensões desses encontros intercomunitários pensados como *potlatches* amazônicos. Os argumentos apoiam a compreensão desses encontros intercomunitários, ao trazer a tona o componente histórico das festas, assim como as semelhanças com o *potlatch* e as diferenças expressas em suas características singulares. A intenção é demonstrar como o consumo no mundo global é experimentado em lugares de interfaces de modos de vida *tradicionais* na confluência com os estilos de vida do mundo global. O estudo é uma investigação no viés etnográfico, a oralidade percebida como método, assim como a memória.

**Palavras-chave:** sistema de trocas; redes de sociabilidade; Rios Tapajós e Arapiuns

---

<sup>1</sup> Mestre em sociologia pela Universidade federal do Amazonas (UFAM), é professora e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas do Tapajós (FIT)/ Santarém/ Pará. Email: [thais.ouricoamazonia@gmail.com](mailto:thais.ouricoamazonia@gmail.com)

<sup>2</sup> Aluna de iniciação científica do Curso de Publicidade e Propaganda das Faculdades Integradas do Tapajós (FIT)/ Santarém/ Pará. Email: [ligiamazonas@gmail.com](mailto:ligiamazonas@gmail.com)

## 1 – Introdução

Este texto é um olhar antropológico (social, cultural, consumo) sobre os espaços sociais que são as *promoções* e *festas grandes*, focando o *pagar visita* como uma das dimensões desses encontros intercomunitários de onde submergem redes de sociabilidade. De onde, na atualidade, são erigidos novos modos e estilos de vida, interagindo com outras dimensões da vida social. As reflexões que perfazem a fundamentação, rondam em torno da escolha e prática dos torneios de times de futebol em localidades situadas na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós Arapiuns. Portanto, um campo de estudo da cultura material e imaterial personificando o jogo de futebol na alavanca para o consumo de outros bens, de *trecos* e coisas. De fato, eles são meios para chegar a fins específicos, como a melhoria da escola, da igreja ou do posto de saúde, também são eles que mantêm o time ou o clube, aquisição de equipamentos desportivos.

A escolha do tema e sujeito de pesquisa está relacionado com investigações passadas<sup>3</sup>, de envergadura epistemológica na interação entre a sociologia e a antropologia. Posteriormente, via o Projeto de Iniciação Científica das Faculdades Integradas do Tapajós (FIT), mantivemos a linha de pesquisa e partimos para campo, professora e aluna. Agora, as averiguações sobre a cultura material interconectam as áreas do jornalismo & publicidade e propaganda com os estudos etnográficos do consumo. Buscamos refletir e dialogar com os espaços sociais onde agrupam-se diferenciadas atividades culturais, formações e práticas sociais e econômicas nas *regiões de rios*, interior da Amazônia de Santarém. Contexto pertinente para melhor entender aqueles povos na intersecção entre a cultura material e imaterial.

Após breve estudo exploratório, a oportunidade de realização logística do projeto veio através da relação institucional que os cursos de Jornalismo & Publicidade e Propaganda da FIT mantêm desde 2013 –via o I Festival de Vídeo FIT<sup>4</sup>– com o Projeto Saúde e Alegria<sup>5</sup> (PSA). Esta instituição, em parceria com a Federação Intercomunitária Tapajoara da Resex Tapajós Arapiuns (Tapajoara) (Figura 1) e o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) realizam a Copa Floresta Ativa, “uma aliança que envolve governo, organizações não governamentais e de base, frente a um programa maior que é o Floresta Ativa, um desafio de promover a inclusão social a partir da produção sustentável”<sup>6</sup>. A Copa reúne atividades culturais, técnicas e políticas, bem como o campeonato de futebol masculino e feminino.

Estão correlatos no território, processos como os Programas de Transferência de Renda Governamentais e o acesso às aposentarias; bem como aos projetos de assistência (governamentais e não governamentais) em torno das oportunidades de melhoria e qualidade de vida. Espaços interagidos com a entrada ilimitada da televisão aberta; da persistência do uso do rádio como mediador das relações sociais; onde a mobilidade social passa a ser agenciada pela telefonia móvel e, alguns locais, com acesso a rede *web*. Nesse sentido,

---

<sup>3</sup> Estudo de Thais Helena Medeiros realizado junto ao Programa de Pós Graduação em Sociologia/UFAM, o qual originou a dissertação “Redes de Sociabilidade e Comércio na Floresta, *artesanias* em palha de tucumã entrançam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA”, defendida em abril deste ano em Manaus/AM.

<sup>4</sup> [facebook.com/festivaldevideofit](https://www.facebook.com/festivaldevideofit)

<sup>5</sup> Sobre a instituição e o Programa Floresta Ativa: [saudeealegria.org.br](http://saudeealegria.org.br)

<sup>6</sup> Release divulgado pelo PSA após a primeira eliminatória, 4 e 5 de abril, na localidade de Anumã, situada na ilha do Rio Tapajós.



A Copa Floresta Ativa é um evento ímpar se comparado com os eventos locais, sobretudo as eliminatórias nas comunidades Anumã, Surucuá e Vila de Boim, no Rio Tapajós, e São Pedro no Rio Arapiuns. O encontro reuniu em cada polo, as localidades situadas mais perto umas das outras, formatado a partir dos elementos clássicos das festas realizadas pelos times e clubes de futebol locais. Na programação técnica, adicionaram mais um dia para as atividades relativas ao projeto. Entrementes, não fosse por este caminho, a pesquisa se alongaria, pois dependeríamos de transporte de barcos de linhas para fazermos os longos deslocamentos entre Santarém e as localidades selecionadas para a pesquisa. Na sequência, a parceria de realização do estudo, possibilitou-nos o encontro com os sujeitos da pesquisa: organizadores (presidentes ou sócios) dos clubes e times de futebol, frequentadores (jogadores(as) familiares, amigos, vizinhos) e aqueles(as) que detêm a memória das festas e jogos.

## **2 – Encontros e Transformações Socioculturais**

O território da Resex Tapajós Arapiuns<sup>7</sup> abriga e reúne uma ecologia humana e natural com belas paisagens que há muito é antropizada pelos povos que por aqui passaram antes e durante a diáspora colonial. A relação entre a natureza e cultura realça as contínuas transformações e construções de subjetividades, conformando espaços de poder na relação entre local e global. As resultantes perfazem um conjunto de edificações sociais espaciais e temporais, delimitando formações socioculturais na atualidade (MEDEIROS, 2013).

Por outro lado, as festividades ou as *promoções* são espaços complexos onde ocorrem as relações de grupos sociais estruturados cultural e historicamente na economia doméstica (ALMEIDA, 2008; BARTH, 2011). Em torno das práticas e costumes festivos dos grupos sociais amazônicos, reúnem-se esferas vitais representadas pelas festividades ritualísticas, profanas e de santos, os sairés, as farinhadas, tapiocadas, os puxiruns, colheita, casamento, devoções e graças (WAGLEY, 1988; BATES, 1979).

DaMatta (1997, p.47) sugere que as festividades, das quais inserimos os torneios, são “dramatizações programadas”, não se universalizam à nação brasileira. E como tais, fazem parte de eventos sociais de “onde se chama a atenção para seu caráter aglutinador de pessoas, grupos e categorias sociais, sendo por isso mesmo acontecimentos que escapam da rotina na vida diária”. Insere ainda o autor que “as festas, então, são momentos extraordinários marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária é que é vista como negativa” (1997, p.52). Duvignaud (1983), por outro lado, discorre que a festa é uma maneira encontrada pelos grupos sociais de transgredir as normas estabelecidas.

Nesses mesmos espaços, e pela interação entre mundos culturais diferentes, vimos brotar novos modos e estilos de vida resultante da interação social e cultural (MAFFESOLI, 2006). No

---

<sup>7</sup> Mais sob a Unidade de Conservação em <http://zip.net/bmnCCV>.

compartilhamento da ideia de Maffesoli (2006), o repertório da paisagem cultural monta a “realidade social, através de uma sequência de cruzamentos e entrecruzamentos múltiplos se constitui uma rede das redes”, conectando uns aos outros “num espaço onde tudo se conjuga, se demultiplica formando figuras caleidoscópicas de contornos cambiantes e diversificados” (MAFFESOLI, 2006, p.237). O que realmente sobressai dessas formações sociais? Quais imagens projetam esses agrupamentos sociais sobre eles mesmos ao conformarem as *promoções* tais como estão organizadas no presente? Constituem ou representam sociabilidades que movem o mundo daquelas localidades?

Debater o consumo nas festividades coletivas é associar a ressignificação da natureza e da cultura, onde o mundo rural “passa a ser visto como lugar de um outro tipo de trabalho, não mais restrito à produção alimentar e de matérias-primas para as indústrias, mas como produção de bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e de comunicação entre universos simbólicos distintos” (CARNEIRO, 2012, p.35). Os torneios, pouco a pouco, vão se consolidando em espaços onde se empreendem novos campos de trabalho, bens, experiências e relacionamentos, onde também travam-se conflitos entre a resistência e a mudança, a ampliação e o cerceamento daqueles grupos sociais (MILLER, 2013).

Na compreensão de que a natureza transformou-se na solda de culturas materiais e imateriais é, sobretudo, o local de novas ruralidades. Amparadas em Carneiro (2012) de onde interpretou Jean Rémy, “ela passa a ser um objeto de contemplação que é valorizado justamente pelas suas características materiais, objeto de avaliações múltiplas, de caráter subjetivo, mas que integra também uma visão da realidade que é, ao mesmo tempo, imaginária e operatória”. A natureza, pois ela é realmente grandiosa e avolumada na confluência dos Rios Tapajós-Arapiuns-Amazonas, “serve para classificar e dar sentido ao mundo” (p.35). Prolongando a autora, nessa natureza, os eventos aqui em destaque apoiam processos de instalação de novos empreendimentos locais, como o próprio turismo interno, Santarém e de outros municípios mais afastados, como Manaus. Desse último, em específico aqueles que transladam entre Rio Amazonas acima e abaixo possuem relações de parentescos e de compadrio nas localidades. Também asseguram recursos socioculturais como as próprias festividades coletivas. Carneiro (2012) ainda fortalece a noção do rural ao vê-lo

associado a essa ressignificação da natureza e da cultura, passa a ser visto como lugar de outro tipo de trabalho, não mais restrito à produção de alimentos e de matérias-primas para as indústrias, mas como produção de bens simbólicos que alimentam a indústria cultural e a comunicação entre universos culturais distintos, de origem urbana ou de origem rural (...) (p.35).

O rural que estudamos aqui, é a interconexão dos dois mundos: urbano e rural, encontro com a pluriatividade, nada está estanque, tudo se transforma muito rápido. Espaço social em representação e sendo representado pelas suas instituições e por suas coisas, por seus *trecos* (CARNEIRO, 2012; MILLER, 2013). A noção de localidade que aprofundamos aqui, vai além da ocupação espacial física e social. Alongando a percepção teórica de Carneiro (2012), inserimos o extrato que segue e que define os argumentos em questão nesse estudo.



Ela [localidade] seria útil justamente porque supõe um espaço que é tido por aqueles que o ocupam como uma referência e como uma base física de um conjunto de relações sociais diversificadas (de trocas, de sociabilidade, de disputas e de conflitos) que dão sentido à existência de seus habitantes, isto é, lhes dão uma referência identitária. Estamos diante, portanto, do processo de construção das múltiplas identidades que conformam o indivíduo na sociedade contemporânea (p.49).

No que tange as festividades coletivas, há bem menos que cinquenta anos, eram patrocinadas pelos grupos familiares em torno de seus padroeiros. Wagley (1988) observou que “nas zonas temperadas, uma série de festas começa com o fim dos enfadonhos meses do inverno”. Na Amazônia, o inverno, tempo das torrenciais chuvas dos trópicos, finda-se em junho, julho e, por esta analogia, a tradição preservou “as velhas festas portuguesas da primavera” (p.193). Quase um século e meio antes, o naturalista inglês Henry Bates (1979) pode presenciar o costume de tomar café e de beber cachaça, a mesma que era trocada por produtos locais nas tabernas. Eram, sobretudo, uma composição sociocultural povoada dos imaginários indígena local e coloniais, demonstrado nas cerimônias *não-agonísticas* e impregnando uma confusão nas particularidades religiosas e profanas (MAUSS, 2003). No extrato que segue, Bates descreve uma festa de Nossa Senhora da Conceição que acompanhou na, então, Vila Nova hoje Parintins, por onde passou subindo o rio Amazonas.

À noite, depois de ter sido rezado uma ladainha e cantado o hino, todos se reuniram para jantar à volta de uma grande esteira estendida no pátio defronte a casa. A refeição compôs de peixe cozido –um enorme pirarucu arpoado pela manhã para esse fim- de tartaruga cozida e assada, de uma farta quantidade de farinha de mandioca e de bananas. A velha índia, ajudada por duas moças, mantinha-se em constante atividade a fim de servir a todos os convidados. Marcelino [o dono da casa] mantinha-se de pé a um canto, com ar solene, atento para que não faltasse nada e dando ordens necessárias à sua mulher. Terminado o repasto, começaram as bebedeiras, e logo em seguida veio o baile, para o qual Pena e eu fomos convidados. A bebida era constituída, em sua maior parte, de uma beberagem alcoólica que eles mesmos preparavam com mandioca fermentada. As danças eram sempre do mesmo tipo, ou melhor, não passavam de modalidades do lundu, uma dança erótica semelhante ao fandango, aprendida originalmente com os portugueses. A música, era fornecida por dois violões, tocados alternadamente por vários rapazes. Tudo decorreu em relativa ordem, apesar da quantidade de bebida alcoólica consumida, e o baile continuou até o romper do dia (1979, p.121).

À época colonial, existiam as festas de santos, patrocinadas por famílias que mantinham o prestígio ou mantidas por seus *juízes* e *mordomos* imbuídos da missão voluntária de prover o cerimonial. Assim como ocorrem as promovidas pela comunidade, como as “festas ‘profanas’” das irmandades que aconteciam em época de grande atividade econômica. Desenvolveu o humanista que, nestas últimas, entravam em conflito com seus senhores e que o povo teria que “repartir o seu tempo entre o trabalho e os divertimentos durante os meses de verão. Essas festas, porém, são grandes incentivos econômicos” (WAGLEY, 1988, p.194, 215). Se, do lado europeu português, as festas tinham valor material, do lado indígena desvelavam o mundo ritualístico e simbólico. E as festividades que compõem os torneios dos times de futebol trazem elementos do passado que são ressignificados no presente, e que estão encaixados nas relações do mundo contemporâneo. Nessa interação, sobressai o que denominam de *pagar visita*. Explicaram nossos entrevistados que é um “contrato”, um “compromisso”, uma “troca” de amizades, de liberdades por

agrupamentos sociais interlocalidades em busca da interação sociocultural. Observamos que consiste em um sistema de “negócios” que circula bens, ou os trechos de Miller (2013): o próprio jogo, alimentação, cerveja e refrigerantes, bandas musicais, modos de pensar e viver. O que para alguns “é uma troca de dinheiro”, para outros também “é uma diversão da juventude”.

Notamos ainda que esses pagamentos de visitas ocorrem num sistema de reciprocidade, de afetividades que envolvem a amizade e a interação social. Entenderemos os torneios e o *pagar visita* (Figura 2) como um espaço de edificação das relações humanas daquelas pessoas. E na continuidade com as ideias de Marcel Mauss (2003), são lugares onde reina o ambiente de mercado e a circulação de dinheiro, como um dos momentos da troca. Tal como observado pelo sobrinho de Émile Durkheim nas tribos da Melanésia e Polinésia, os pagamentos de visitas não são contratos individuais, são coletividades comunitárias em torno de um time local “que se obrigam mutuamente, trocam e contratam” os jogos de futebol, a cerveja, os ingressos da festa, comidas e bandas musicais (p.190). Entre os contratantes também há respeito e status. A autor em destaque, estudando aqueles povos estabeleceu que essas trocas são “*sistemas de prestações totais*” (p.191).

O autor associa esses sistemas ao termo *chinook* utilizado por brancos e índios de Vancouver ao Alaska, *potlatch* que “quer dizer essencialmente ‘nutrir, ‘consumir’”. (p.191). Mauss (2003) descreve que as tribos “passam o inverno numa perpétua festa: banquetes, feiras e mercados, que são ao mesmo tempo a assembleia solene da tribo”. Os torneios dos time de futebol envolvem uma gama de elementos culturais num único dia, geralmente aos sábados quando da festa grande, podendo ocorrer as promoções domingueiras. Nos dois casos, persistem os jogos de futebol –em tempo corrido ou em pênalti–; a venda de comidas e bebidas pela organização do evento e a festa dançante.

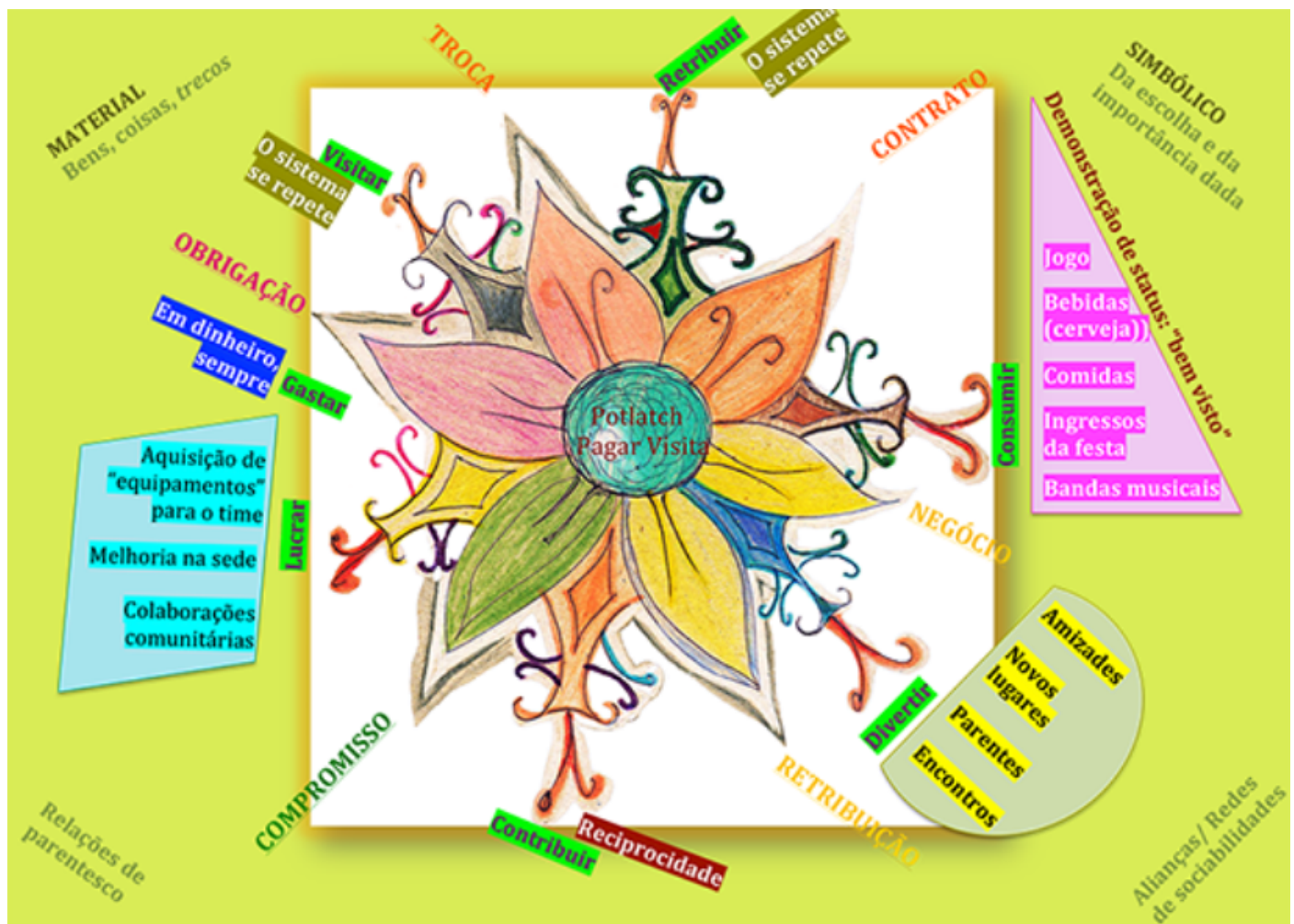
O pagamentos de visitas marca o princípio de rivalidade e de antagonismos comunitários que dominam nessas práticas. Nesse caso, sem destruições materiais, o ambiente é de solidariedade e confraternização, afora quando não há pejejas decorrentes do excesso de bebidas alcoólicas. Por outro lado, o que faz com que atribuamos o *pagar visita* ao *potlatch* são os elementos constitutivos “essenciais” deste último, presentes no primeiro: “o da honra, do prestígio, do *mana* que a riqueza confere, e o da obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder esse *mana*, essa autoridade, esse talismã e essa fonte de riqueza que é a própria autoridade” (MAUSS, 2003, p.195). Outros antropólogos detectaram essas movimentações em lugares outros como nas Ilhas Trobiand, povo estudado por Bronislaw Malinowisk, como na América nos estudos de Frans Boas, citando alguns entre tantos.

Entrementes, se Marcel Mauss atribuiu o sentido de retribuir ao *espírito da coisa*, Lévi-Strauss (2011) dirá, introduzindo o livro que contém “Ensaio sobre a Dádiva”, que esse *espírito da coisa* está nas estruturas do inconsciente do espírito, quer dizer, no mundo simbólico sobre o mundo imaginário. Aqui, no *pagar visita*, de acordo ao campo de pesquisa, o dom e o contra dom são formas de riquezas simbólicas, sim (GODELIER, 2001). Ou seja, o prestígio social permite que cada membro da sociedade construa redes de

relações acumulando capital de status, notabilidade e reconhecimento. As *promoções* e as *festas grandes* que hospedam os torneios dos jogos de futebol e as atividades decorrentes marcam o momento dos pagamentos de visitas pelos times comunitários visitantes. Demarcam a produção dos sentidos do mundo.

Neste potlatch, não se trocam objetos do manejo da vida cotidiana, o jamanxim e outros cestos cargueiros e da casa, o remo, ou os sagrados oriundos dos povos ancestrais, como máscaras, adornos, e mesmo o representante alimentar tradicional que é a própria farinha<sup>8</sup>, primordial no gosto e na mesa das pessoas. Por outro lado, são objetos e coisas que estão em pauta e significam a vida no agora.

Figura 2 –Infográfico desenvolvido pelas pesquisadoras, a partir do desenho (central) da aluna Lígia Augusta, na contracapa de sua pasta de campo



A importância dos mercados interlocalidades está explícito na compra e venda das inscrições de jogos de futebol, pacotes de cerveja e refrigerantes (as vezes água mineral, bebidas energéticas e os novos misturados alcoólicos), comidas (guloseimas como bolos e pratos típicos, bananas fritas, os pratos feitos, cigarros e *bombons* (balas doces) e a infinidades de salgadinhos industriais, ingressos da festa dançante e bandas musicais, e que constituem redes entre os times de cada determinada área de abrangência na Resex Tapajós

<sup>8</sup> Elaborada com maniva (*Manihot utilíssima* ou *esculenta*), no processo extraem o tucupi, a croeira, a tapioca e o polvilho, abastecendo a cozinha tradicional e a alimentação familiar.



Arapiuns. Notamos que o pagamento de visitas é uma rede micro local. Mas, não é regra, têm times que “viajam longe” em busca do jogo, de novos “conhecimentos” sociais e ambientais, em busca de trocar e pagar visitas.

Antes de prosseguir, vale ressaltar que esses eventos não assumem o caráter de descanso do corpo tão acostumado ao labor incansável e extenuante da lida doméstica dos povos que habitam ao longo dos rios na manejo da floresta tropical do trópico úmido. É Mauss (2003), de novo, que auxilia o entendimento das técnicas do corpo empreendidas culturalmente. Na seção *Noções de técnica do corpo* propôs a concepção de que

*habitus* que não designa os hábitos metafísicos, a "memória" misteriosa, tema de volumosas ou curtas e famosas teses. Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios (p.404).

Pensamos que, mesmo nos momentos de interações socioculturais, as pessoas estão trabalhando em exatidão seus corpos. No futebol, homens e mulheres correm em campos de chão quase batido, irregulares embaixo de um sol escaldante e úmido. Na dança, por exemplo, frenética e em salões extenuantemente calorentos, é praticada por corpos molhados de suor. O pares dançam juntos, remexendo os quadris no encaixe de perna entre perna. Mauss (2003) observou que “a dança enlaçada é um produto da civilização moderna da Europa” (p.417). Assim, a despeito dos elementos culturais característicos dos ameríndios, perduram as tradições portuguesas. Preferimos entender a técnica da dança construída pelos participantes das festas no entendimento teórico de Alfred Gell (2005) ao conceber que, o que resulta do conjunto das técnicas é uma tecnologia do encanto.

Voltado na sequência dos argumentos, o que os organizadores dos times de futebol definem em “retornar o consumo do torneio, o compromisso”, “uma troca de amizade que a gente tem um pelo outro”, “se gastou, a gente tem que retribuir”. Aquilo que o time visitante gastou, o time anfitrião deverá pagar indo no torneio do time daquele que veio visitar. O gasto deve ser no mesmo valor ou superior à despesa total, enquanto o time visitante não pagar o que deve, não receberá outra visita do credor, seu time ganhando ou não. Se “gastam 22 dúzias, a gente tem que gastar também”. O time que visitou ao receber aquele time anfitrião “recupera o que eles gastaram”, em *promoção* deles. Nos foi revelado que “o compromisso acaba quando vem pagar. Um dos entrevistados alertou que “se eu dever uma visita, eles não vêm mais me ganhar”. Somente os times de fora da rede é que não tem o retorno da visita, de Santarém, por exemplo.

As trocas, nesta contemporaneidade, são mutiladas, justamente, pela pressão e constrangimento da economia do mundo ao impor suas regras do lucro. Se os times passaram a dever muito, abrindo os caminhos do “contrato” escrito no caderno, é porque a ausência da obrigação e do *cálculo* cedeu espaço para as relações capitalistas. Passou a exigir que os times e clubes adotassem uma forma contábil, mesmo que no âmbito de uma desvelada informalidade. As mesmas, se enraízam pelo mundo simbólico ao impor suas formas lascivas de convivência e emulação, tornando-se o principal mote das *promoções*. Simplesmente, estão entremeadas

nas relações das trocas mercadológicas e servem de complemento uma à outra, e não separação! E nossa bibliografia demonstra o quanto primamos por essa trajetória teórica. Assim, no *pagar visita* se recupera o que o time visitante gastou no torneio do time que passa a ser devedor daquele outro. “A visita é o jogo”, o time pode “só beber, mas paga o jogo”. Muitas vezes, a cerveja comprada é jogada fora, “eles estragam, mas é o compromisso”. Jogar a bebida fora, “é raro”, e quando acontece “a sede [do clube social] fica uma meleca de tanta cerveja derramada”. É uma forma de mostrar que consome, de se distinguir, uma demarcação social.

Entretanto, não consideramos que no processo, forçosamente, as resultantes sejam de todo nocivas ao sistema sociocultural. São, antes de tudo, processos de misturas, de hibridização (GARCIA CANCLINI, 2006). Os grupos sociais buscam a interação no sentido de autoidentificação, neste agora. Carneiro (2012, 48) acena que são momentos de “mudanças de hábitos, na maneira de se relacionar com os outros e com a natureza, e na percepção do mundo, se expressam de maneira irregular e diversificada segundo os interesses e a posição social dos atores, o que não implica, necessariamente, uma ruptura decisiva no tempo e no espaço”.

Retomando a descrição do *pagar visita*, no decorrer da pesquisa nos deparamos na explicação de que o jogo “não é um compromisso sério, mas ele [o time] tem que beber”, portanto, sobressai a comercialização da cerveja. Narrativa em contradição com um outro relato que esclarece ser “o jogo é o mais trocado” porque “a cerveja, é comprar e tomar”. Pareceu-nos ser o jogo uma espécie de moeda que abarca todos os outros consumos ao observarmos sua permanência no pagamento de visita. O interessante é que a retribuição pode “levar meses para o cara pagar uma visita, às vezes até ano”. Entretanto, nenhuma das partes esquece aquilo que é um “dever, é uma obrigação” ser restituído. A graça desses jogos de sociabilidade é que coexistem valores que não se trocam, se mantêm e se exibem na sociabilidade como símbolos que indicam ser “bem visto” aos olhos de todos, de honra, de prestígio. A cerveja que é derramada não só é motivo de demonstração de prestígio como distinção social. Como preconizou Mauss (2003), quem dá pode receber, mas quem recebe deve retribuir, é esse o combustível que move aquele mercado: tudo gira em torno da retribuição.

Polanyi (2012) ajuda a compreender esse *potlatch* santareno ao introduzir que “a economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais”. E acrescenta que o ser humano “age assim para salvaguardar sua situação social, suas exigências sociais, seu patrimônio social. Ele valoriza os bens materiais na medida em que eles servem a seus propósitos”. O autor ainda reitera que tanto em sociedades de coletores como despóticas, o “sistema econômico será dirigido por motivações não econômicas” (p.48). Entendemos que nesses espaços os bens de troca são coisas circuláveis e, portanto, alienáveis. Para melhor incorporarmos ao estudo das *promoções, festas grandes* e ao sistema do pagamento de vistas essa relação de *negociar o mundo*, transcrevemos abaixo um extrato do livro de Polanyi (2012, p.49):

As paixões humanas, boas ou más, são apenas dirigidas para finalidades não econômicas. A exibição cerimonial só serve para incentivar a emulação até o máximo possível, e o costume do trabalho comunal tende a elevar ao máximo ambos os

padrões, quantitativo e qualitativo. A execução de todos os atos de troca como presentes gratuitos cuja reciprocidade é aguardada, embora não necessariamente, pelos mesmos indivíduos –um procedimento articulado minuciosamente e perfeitamente salvaguardado por complicados métodos de publicidade, através dos ritos mágicos e do estabelecimento de “dualidades” nas quais os grupos estão unidos por obrigações mútuas– deve explicar, por si mesma, a ausência da noção de lucro e até mesmo de riqueza, a não ser a que consiste em objetos que ressaltam, tradicionalmente, o prestígio social.

Apesar de ouvirmos que “a gente não tem tanto lucro”, e que o pagamento da visita “fortalece a parceria entre um time e outro”, o lucro se manteve no topo das demandas dos eventos. Se antes era para satisfazer um sonho, como o de erguer uma sede ou adquirir os *equipamentos* (bolas e uniformes), mesmo pagar os gastos das festividades. Com o passar do tempo e a demarcação desse tipo de *potlatch* nos Rios Tapajós e Arapiuns, os times foram alcançando uma forma de organização mais consistente e atual. Recuperamos Wagley (1988) em analogia ao *pagar visita*, ao observar que as festas das irmandades religiosas, que não eram nem beneficentes e, tampouco, estavam subordinadas à igreja daí serem combatidas pelos padres católicos, constituíam “mais do que simples associações dos devotos de um determinado santo, pois promovem a organização formal do povoado rural em que estão estabelecidos” (p. 194).

Àquela organização das irmandades está impressa na organização social e política das comunidades na atualidade, assim como nos times, tendo na contabilidade o elemento inovador, a despeito da informalidade. Antes de se atribuírem os contratos, os times deviam sem controle, daí a utilização dos cadernos atestando o contrato, “assinam um papel”. Hoje em dia funciona assim: o time chega no local da promoção e procura o presidente do time, ou se dirige ao bar do torneio. Local central do evento, é o mesmo do contrato da contribuição, da troca dos bens das *promoções* ou *festas grandes* descritos acima. É nesse momento que ficam estabelecidos os pagamentos ou a retribuição em quantia igual, findando ou abrindo novo contrato. O ciclo se repete abrindo e fechando visitas!

Das falas de nossos entrevistados, resumimos que pagar visita é “tudo uma troca”; “é a gente retribuir, com o que eles contribuíram com a gente, é uma troca de jogos, de festa, prestigiar o movimento, o lazer, a festa. Seja de clube ou de padroeiro sempre tem essa troca”, “é contribuir, sempre a gente vai pagar visita na festa e contribui com a cerveja as refeições, jogos e rever os amigos”. “É devolver aquilo que a outra comunidade gastou, é dar o retorno em dinheiro para a outra comunidade que gastou na nossa”. Diante da constatação que o pagamento de visitas conforma um mercado de trocas materiais e simbólicas, podemos supor que são formas emergentes de subjetividade, de estilos de vida onde o mundo tradicional está sendo confrontado com o mundo global.

Na continuidade desses fundamentos teóricos, as *promoções* ou *festa grande*, com seus torneios, cozinhas, bares e festas dançantes configuram espaços de construção de estilo de vida, lugares onde dispõem-se os valores de uso e as distinções sociais (DESJEUX, 2011; LOVISOLO, 2013; MEDEIROS, 2013); e onde, historicamente, os povos são afetados por novos processos e encontros culturais. Sugere Douglas (2009, p.108) que as mercadorias “são boas para pensar: tratemô-las como um meio não verbal da faculdade

humana de criar”. O que significa que a experiência social se dá não só pelos signos da linguagem, do discurso oral e verbal, mas que os bens metabolizam significados, dinamizando a cultura. Na linha desse pensamento, Lima (2010, p.9) sustenta que os objetos, usos e trocas “operam para fornecer sentido e ordenar a vida coletiva em uma totalidade”. Onde as relações sociais estão ligadas aos objetos que não são somente matéria física, mas coisas imantadas de “significados construídos socialmente” (LIMA, 2010, p.11).

### 3 – Conclusões

Estudar os eventos e o pagamento de visitas abre pontes de conexão de onde podemos vislumbrar outras dimensões da vida. É marcante como se cambiam as coisas nesses mercados internos locais. O rural que antes era o produtor, passa a depender mais e mais dos centros urbanos, onde a facilidade tecnológica, mais específico a energia elétrica possibilita a produção em escalas que fogem à economia doméstica. Por outro lado, o rural vitaliza-se com os novas modalidades de atividades. As localidades na Resex Tapajós Arapiuns dependem de geração de energia movida por combustível fóssil, o óleo diesel, outro produto largamente comercializado nas tabernas junto com a gasolina que abastece as rabetas e voadeiras. Aliás, as tabernas são mercados que abarcam uma diversidade de bens que vai desde alimentícios passando pelos combustíveis e caindo nos plásticos, o mercado de variedades, mesmo que o espaço de acomodação desses produtos seja exíguo.

Apesar da farinha e o peixe serem os principais alimentos presentes na mesa dos grupos familiares, percebemos que as pessoas vem cedendo espaço para o costume de consumir produtos industrializados. E isso é influência da capacidade de compra, troca em moeda real<sup>9</sup>, de bens que as aposentadorias e os programas de transferência de renda do governo possibilitam às famílias. Observamos que há uma demanda significativa do consumo de enlatados; sardinhas, carne bovina e legumes enlatados. Compram carne no açougue em Santarém e em embarcações que passam oferecendo cortes na frente da comunidade, conforme presenciamos em Surucúá/ Tapajós. Ainda uma lembrança da época dos regatões da borracha. Fazem suas compras básicas na cidade, a despeito das trocas de coisas de alimentação, principalmente, que fazem parte das relações de parentesco e compadrio, reforçando o sentido da dádiva e o das relações comerciais mesmo. Lígia observou, em uma entrevista, que é comum trocas entre comunidades vizinhas alienando bens da própria produção agroecológica, frutas sazonais como o uxí, piquiá e artesanatos.

Ainda em Surucúá, onde habitam em torno de 100 famílias (considerando a média de cinco pessoas por unidade familiar) ponderamos a existência de aproximadamente seis tabernas, sendo que três são conhecidas por venderem alimentos básicos, duas por alimentos e remédios e uma por fornecer bebidas alcóolicas. Esse mercado é paralelo às atividades caracteristicamente mais tradicionais: a lida no roçado (roça), a pescaria, a caça, as hortas caseiras, ao teçume do artesanato (paneiros e jamanxins) de uso cotidiano localidades maiores nutrem as vizinhas próximas, que também possuem seus pontos de vendas caseiros, ocorrendo nas

---

<sup>9</sup> Real de materialidade, como dirá Daniel Miller (2013), *trecos*, e que podemos “segurar ou tocar” por outros bens; também de real da moeda brasileira.

salas das casas transformadas em tabernas e que foram viabilizadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (MEDEIROS, 2013).

Registramos, em conversa com taberneiros(as), que o feijão e o charque são bens tido de “mais saída”. Tem marcas que abastecem o comércio local. Foi percebido que existe uma preocupação entre as mulheres em sustentar o mercado da beleza ao consumirem *in loco* o produtos da marca Avon, e agora também da Natura. Lígia ouviu relatos de pessoa que compram e vendem a marca Avon, como a Natura, pessoas que comercializam as semijóias. Entre os homens, destacamos o consumo dos suplementos alimentares e energéticos, a adoção de cortes de cabelo tipo do Neymar e a presença de metrossexuais, costumes que podem ser explicados pelos estilos de vida de ícones do futebol.

As festas dançantes são, em particular, as promovidas pelos times de futebol em seus torneios, ou *promoções*. Na Copa, foram promovidas pela diretoria da Tapajoara. Essas diferenciam das festas juninas com suas danças tipo o carimbó, quadrilha, o Boi Carinhoso de Surucuá ou da festa dos Botos de Alter do Chão. Nesses eventos, a música mais tocada e dançada é o forró e o arrocha. Entre um bloco e outro, no meio da noite, as bandas tocam o carimbó, brega, seresta, o bolero, dance e rock. Um dos cantores que tem uma banda e toca no Tapajós, salientou que, na madrugada, costuma tocar o *bregão* também. É interessante evidenciar que o consumo de carne é um diferencial nos grandes eventos, pois no dia a dia ainda consomem muito peixe, “todo dia tem pescada e aí dela que falta”, nos disse uma moradora de Surucuá. Além da pescada, os peixes mais consumidos são a acaratinga e a sarda. Mas, também tem o famoso jaraqui, muito consumido no Tapajós como no Arapiuns. Geralmente, nas *festas grandes* matam-se uma ou mais reses.

Presenciamos nas eliminatórias da Copa Floresta Ativa no dia dos jogos de futebol, sempre aos sábados, que muitos dos moradores participam do evento colocando bancas de venda defronte das casas; vendem comidas típicas, tacacá e vatapá, banana frita, sucos (taperebá, cupuaçu, muruci e maracujá), muito doces e bolos de macaxeira, bolo comum com recheio de chocolate e sonhos, salgados de trigo tipo rissole e coxinhas. Exatamente as atividades de trocas comerciais que ocorrem nas *promoções* e *festas grandes* locais.

Os meios de comunicação desconsideram, pelas distâncias que persistem na logística, esses comércios em ascensão que são as promoções e festas nas localidades da região dos rios. O mercado publicitário desconhece, por ainda não atentar para a importância de um nicho de abarca em único dia em torno de 600 a duas mil pessoas. São Pedro do Arapiuns, por exemplo, no torneio do time Arena, o maior dos 06 que são formados na localidade, realizado nos meses de fevereiro. Este ano, reuniu mais de 2000 pessoas em sua sede. Foram 111 times, ou duplas de pênaltis. Gastaram 85 mil, pagaram 65 mil e lucraram 20 mil. Com cinco mil reformaram a sede e o restante dividiram entre os 12 sócios.

A *virtude atrativa* das *promoções* e das *festas grandes* no *pagar visita* mantém a vida ao nível da sociabilidade e das coisas simbólicas. Nesse sentido, se singulariza nas semelhanças com o *potlatch* e sua variação (como o próprio *kula* trobriandes): o que está em jogo no evento de troca é justamente a



permanência de uma rede local de sociabilidade. Ao trocarem bens alienáveis e vitais, como alimentação e estadia, entrada para festa e inscrições de jogos de futebol, preparam o espaço onde novas alianças de sociabilidade são fechadas; como relações de parentesco e compadrio. Mas, e principalmente, são firmados novos “contratos” de pagamento de visitas. A vivência nos eventos da Copa Floresta Ativa nos possibilitou a interpretação de que, na atualidade, as trocas de bens alienáveis se fundem com as trocas simbólicas, ambas atuam juntas.

Comprar, consumir e retribuir visitas conformam a “essência” desses encontros intercomunitários permeados de bens alienáveis e, sim, também de bens que são inalienáveis, como o dar e receber o são dos *potlatches* e *kulas*. Abster-se da retribuição, da troca que o contrato imprime na vida dos contratantes, é perder prestígio, é deixar de ser “bem visto”, como narrado por um dos entrevistados. Observamos nos eventos, nas entrevistas formais e informais que são, simultaneamente, sistema de crédito e da obrigação de retribuir (de dívida) (GODELIER, 2006, p.90-95).

Se os *potlatches* conformam mundos de encantamentos, diríamos, aqui, que o pagar visita configura mundos de sociabilidades. Lugares de encontros, de troca de amizades, de estar juntos e, sobretudo, de formas de diversão e lazer que não se encaixam na noção do descanso, da pessoa não fazer nada e ficar estirado na rede. Lugares das técnicas do corpo, onde muitas coisas são trocadas por dinheiro, também são permitidas, abonadas por não fazerem parte da vida cotidiana.

Logo entendemos que cada evento, seja *festa grande* ou *promoção*, é um *potlatch* de redes de sociabilidade, locais de encontros, do selar casamentos e negócios, do pagar e do contratar visitas. Mas, também, onde a vida é arrefecida pelos jogos do corpo na participação dos que jogam, dos que dançam, dos que torcem e tocam a torcida, da visita aos parentes e aos amigos. Locais de atividades não realizados no dia a dia, como os jogos de futebol, a música e a dança, a sedução e o livre arbítrio.

O movimento cíclico dos pagamentos de visitas expõe representações da vida prática para além dos dogmas e valores impostos pela religião e pelo mitológico, aqui superados pelo profano. O jogo, a ingestão demasiada de bebidas alcoólicas, os encontros amorosos, de parentescos e de compadrio fazem parte da vida, da interpretação do mundo expressa na instituição do espaço de sociabilidade que são as promoções e as festas grandes. São objetos, coisas e *trecos* que estão em pauta e significam a vida no agora. Constituem locais do fluxo comunicacional onde observamos a intensa troca de objetos oriundos, em sua abrangente maioria, do mundo global –tecnológico e industrial.

Assim, os rumos da pesquisa apontaram que as *promoções* e *festas grandes* conformam espaços ricos para estudos posteriores na área. Com um campo de pesquisa enxuto, para muitas perguntas surgidas ainda não temos respostas! Aqui, as fronteiras do grupo étnico (BARTH, 1998) se interagem justamente no limiar do mundo global. Ainda preliminar, podemos dizer que os diversos espaços sociais constitutivos fazem parte do processo de formação e entrelaçamento de redes sociabilidade locais, lugares de ocorrência das ressignificações, do desvelar sentidos. São nesses entremeios socioculturais que o mundo tradicional está

sendo confrontado pelo acesso (ou a demanda vinda de Santarém) aos bens de consumo que conformam os novos estilos de vida naquelas localidades.

## 5 - Referências

ALENCAR, E. *Pesquisa em turismo*. Lavras: UFLA/ FAEPE, 2007.

ALMEIDA, A. W. B. *Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008. Disponível em [www.novacartografiasocial.com/arquivos/publicacoes/livro\\_terrasOcupadas.pdf](http://www.novacartografiasocial.com/arquivos/publicacoes/livro_terrasOcupadas.pdf). Acesso em 26 de abr. 2011.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade*. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/ Jocelyne Streiff-Fenart. Tradução Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BATES, H. W. (1820-1892). *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira, apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

APPADURAI, A. *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural*. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em [http://www.4shared.com/office/Dp4OEawe/APPADURAI\\_Arjun\\_-\\_A\\_Vida\\_Socia.html](http://www.4shared.com/office/Dp4OEawe/APPADURAI_Arjun_-_A_Vida_Socia.html). Acesso em 16 de Jun. 2012.

CARNEIRO, M. J. (Coor.). *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e de pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

DA MATA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, E. O. *A aventura sociológica: objetividade, paixão, método e improviso na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DESJEUX, D. *O consumo: abordagens em ciências sociais*. Tradutores Bruno César Cavalcanti, Maria Stela Torres Barros Lameira, Rachel Rocha de Almeida Barros. Maceió: EDUFAL, 2011.

DOUGLAS, M. & ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

DUVIGNAUD, J. *Festas e civilizações*. Tradução L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

GELL, A. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. *Concinnitas*. A.6, V.1, nº8, Julho, p.40-61, 2005. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/89037596/Gell-Alfred-a-Tecnologia-Do-Encanto-e-o-Encanto-Da-Tecnologia>. Acesso em 10 Out. 2012.

GARCÍA CANCLINI, N. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da introdução Gênese Andrade. 4ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

GODELIER, M. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

LÉVI-STRAUSS. C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIMA, D. N. de O. *Consumo: uma perspectiva antropológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo, 2008. In: APPADURAI, A. *A vida social das coisas: a mercadoria sob uma perspectiva cultural*. Tradução Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em

[http://www.4shared.com/office/Dp4OEawe/APPADURAI\\_Arjun - A Vida Socia.html](http://www.4shared.com/office/Dp4OEawe/APPADURAI_Arjun_-_A_Vida_Socia.html). Acesso em 16 de Jun. 2012.

LOVISOLO, H. *Tédio e espetáculo esportivo*. Disponível em <http://zip.net/bvpgth>. Acesso em 17 de Out. 2013.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Precedido da Introdução à obra de Maurice Mauss por Claude Lévi-Strauss. Textos Georges Gurvitch e Henri Lévy-Bruhl. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAFFESOLI, M. *No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MEDEIROS, T. H. *Redes de sociabilidade e comércio na floresta: artesanias em palha de tucumã entrelaçam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA*. Dissertação mestrado em sociologia. Manaus: UFAM, 2013.

MILLER, D. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material*. Tradutor: Renato Aguiar. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

SAHLINS, M. D. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.